

DOCUMENTO

LE CORBUSIER: A ARQUITETURA E AS BELAS-ARTES

*um texto inédito, apresentado
por*

LÚCIO COSTA

*Em 1936,
a bordo do Zeppelin*

Em 1936 — a bem dizer há meio século, portanto —, convocado pelo Ministro Capanema a fim de elaborar projeto para o edifício-sede do novo

Ministério da Educação e Saúde, organizei um grupo de trabalho composto dos arquitetos Carlos Leão, Afonso Eduardo Reidy e Jorge Moreira, mas logo acrescido de Oscar Niemeyer e Ernani Vasconcelos.

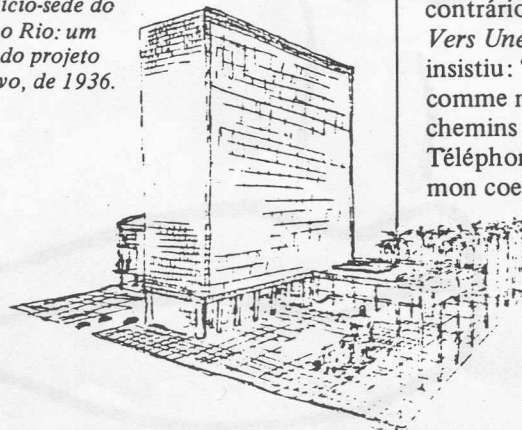
Elaboramos então um projeto que, conquanto bom, ainda não nos satisfazia: “que teria feito Le Corbusier no caso, nos perguntávamos?”

Éramos tão desinteressados e idealistas que — coisa hoje impensável —, com os planos já devidamente aprovados e sinal verde para o início da obra, resolvemos, de comum acordo, pleitear do Ministro a vinda de Le Corbusier para dar parecer sobre o projeto.



Arquivo da SPHAN, Rio de Janeiro

*Le Corbusier
e o edifício-sede do
MEC, no Rio: um
esboço do projeto
definitivo, de 1936.*



Veio pelo Zeppelin e durante a viagem — cinco dias deslizando pelo espaço —, redigiu este precioso texto agora publicado pela primeira vez.

Demorou-se por três semanas, quando concebeu um belíssimo projeto, de partido horizontal, para terreno situado mais ou menos onde foi construído o MAM, proposição esta que nos serviu afinal de base ao novo projeto de partido vertical, que fizemos para o terreno do Castelo.

Este texto é mais uma prova do equívoco, ou ma fé, dos que pretendem enquadrar a obra de Le Corbusier no confinamento do “funcionalismo”, — expressão que ele jamais empregou nas suas inúmeras publicações. Pelo contrário, desde o seu primeiro livro, *Vers Une Architecture* (1923), sempre insistiu: “Ma maison est pratique. Merci, comme merci aux ingénieurs des chemins de fer et à la Compagnie des Téléphones. Vous n’avez pas touché mon cœur.”

Lucio Costa



Um auto-retrato de Le Corbusier.

L'ARCHITECTURE ET LES ARTS MAJEURS

"Les tendances de l'architecture rationaliste en rapport avec la collaboration de la peinture et de la sculpture."

"L'étude de la tendance qui règne au contraire dans l'architecture rationnelle d'exclure, en tant que superflu d'après une logique rigoureuse, le concours des arts figuratifs."

1. Ce thème, offert en discussion à la réunion Volta de 1936 à Rome, est le signe d'une inquiétude manifestée depuis plusieurs années dans le monde, intéressé ou désintéressé, des arts — architectes, sculpteurs, peintres, décorateurs — Inquiétude qui déteint sur l'opinion écartelée entre les deux extrêmes d'affirmations aussi gratuites l'une que l'autre: orner ou ne pas orner, décorer ou ne pas décorer, enrichir ou ne pas enrichir, ennoblir ou ne pas ennoblir, etc.

2. Ce débat est ouvert en U.R.S.S. depuis l'affaire des Plans du Palais de Soviets, vers 1931, en Allemagne depuis l'hitlerisme, en Italie depuis les grandes entreprises de construction ou de reconstruction, en France, d'une part sous le prétexte de l'Exposition Internationale de 1937, d'autre part par la Maison de la Culture (formation intellectuelle des gauches) dans l'intention de répondre par une affirmation dans un sens ou dans l'autre aux clameurs de plus de 20.000 peintres et sculpteurs chômeurs à Paris.

3. L'odeur qui émane des discours, des écrits, des discussions sur ce thème, est une odeur du passé. Encens brûlé en certaines chapelles. Rappel à un culte unique appuyé sur une époque déterminée par des lieux précis de l'activité de la race blanche. Certitudes trop limitées à une époque — la Renaissance, — certitudes d'origine scolastique et de ce fait discutables, réfutables, points d'appui sans raison d'être aujourd'hui. En vrai, une page tournée: celle des enseignements du XIX siècle où certains académismes ne nous apparaissent plus que des radotages. Une nouvelle page blanche offerte aux constructions neuves d'une civilisation nouvelle, — la machiniste. Civilisation constructive en toute sa profondeur, apporteuse d'événements neufs, des signes nouveaux et de manifestations spirituelles entières et novatrices. Non pas du neuf pour le plaisir de faire du nouveau, mais du neuf parce que les hommes et les sociétés ont été projetés dans des conditions et une aventure nouvelles, profondément différentes, opposées même à ce qui nous agrippe encore et nous encerre: là, des trophées peut-être admirables mais crépusculaires, — ici, l'aurore, une journée fraîche, les temps nouveaux. Il faut bien admettre la discontinuité et non pas la continuité, la rupture et non pas la suite, la marche en avant vers une inconnue. Donc nous avons toutes raisons de pouvoir faire une chose magnifique, et non pas un retour vers des choses d'autrefois, des re-nais-sances etc. Jamais! C'est contraire à la nature même des événements en cours.

4. Si devant l'étendue vierge des événements créatifs imminents, l'esprit se sent le goût d'une méditation préliminaire reconfortante, c'est dans la manifestation des puissances humaines fondamentales, primaires, essentielles, qu'il cherchera l'axe de ses vérités. Il ne s'emballera pas pour telle ou telle civilisation susceptible d'être homologuée à la nôtre par des

A ARQUITETURA E AS BELAS-ARTES

As tendências da arquitetura racionalista relativamente à colaboração da pintura e da escultura.

O estudo da tendência que, ao contrário, impera na arquitetura racional de excluir como supérfluo, seguindo uma lógica rigorosa, o concurso das artes figurativas.

1. Este tema, posto em discussão na reunião Volta de 1936, em Roma, é o signo de uma inquietude manifesta desde há vários anos no mundo, interessado ou desinteressado, das artes — arquitetos, escultores, pintores, decoradores. Inquietude que mantém a opinião pública esquartejada entre dois extremos de afirmações absolutamente gratuitos: ornamentar ou não ornamentar, decorar ou não decorar, enriquecer ou não enriquecer, enobrecer ou não enobrecer etc.

2. Este debate se trava na União Soviética desde o caso dos planos do Palácio dos Soviotes, por volta de 1931, na Alemanha desde a implantação do hitlerismo, na Itália desde os grandes empreendimentos de construção ou de reconstrução, na França, de um lado sob o pretexto da Exposição Internacional de 1927, de outro pela Casa da Cultura (núcleo intelectual das esquerdas), com o intuito de responder afirmativamente, num sentido ou em outro, aos clamores de mais de 20.000 pintores e escultores ociosos de Paris.

3. O odor que emana dos discursos, dos escritos, das discussões sobre este tema, é um odor do passado. Incenso queimado em certas capelas. Apelo a um culto único apoiado numa época determinada por lugares precisos de atividade da raça branca. Certezas limitadas demais a uma época — a Renascença —, certezas de origem escolástica e, portanto, discutíveis, refutáveis pontos de apoio sem razão de ser hoje em dia. Na verdade, uma página virada: a dos ensinamentos do século XIX ou certos academismos que nos parecem simples disparates. Uma nova página branca oferta às novas construções de uma nova civilização — a da máquina. Uma civilização construtiva em toda a sua profundidade, pródiga de novos acontecimentos, de novos signos e de manifestações espirituais amplas e inovadoras. Não mais o novo pelo prazer de fazer o novo, mas o novo porque os homens e as sociedades foram lançados em condições e numa aventura novas, profundamente distintas, opostas mesmo àquilo que ainda nos imobiliza e nos encarcera: lá, troféus talvez admiráveis, mas crepusculares; aqui, a aurora, um dia que nasce, os novos tempos. É preciso admitir a descontinuidade, e não a continuidade; a ruptura e não a sequência, a marcha adiante rumo a uma incógnita. Pois temos todas as razões de poder fazer uma coisa magnífica, e não um retorno às coisas de outrora, re-nas-cen-ças etc. Jamais! Isso é contrário à própria natureza dos acontecimentos em curso.

4. Se, diante da extensão ainda virgem dos acontecimentos criativos iminentes, sente o espírito o gosto de uma meditação preliminar reconfortante, é na manifestação das potências humanas fundamentais, primárias, essenciais, que ele buscará o eixo de suas verdades. Não será embalado por essa ou aquela civilização susceptível de ser homologada à nossa por hábeis explicações. Procurará seu homem "nu", seu homem instinti-

explications habiles. Il recherchera son homme "nu", son homme instinctif, individuel, collectif et cosmique, là où il s'est exprimé dans le grand débat *homme et nature, homme et destin*. C'est là qu'il raccroche la question, c'est là qu'il accroche le problème de la réalité. Je signale en passant, que cette reprise de contact avec le fond de la question, le fondement de l'existence humaine, est singulièrement rendue féconde par le vol d'avion ou de dirigeable; que le survol des lieux habités, bâtis ou cultivés, opposé à celui des lieux où la nature n'a point été asservie, mais au contraire, où elle se vante impassiblement au sein des lois cosmiques — Alpes, fleuves, extuaries, déserts, forêts vierges, mers et océans, etc., plonge l'âme dans une examen qui n'est pas stérile, ni sans utilité. Qu'au contraire, cet outillage ici déclancheur de profondes et saines méditations, fait partie de ce gigantesque équipement total de la civilisation machiniste dont les premiers éléments ont ouvert pour les hommes une série de faits imprévisibles exigeant un comportement neuf et nous dotant petit à petit d'une conscience bien différente. Le débat n'est pas autour de fanfreluches décoratives, autour de ratatouilles picturales, ou de pâtisseries plastiques. L'humanité est projetée dans les Temps Nouveaux. Les arts, expression de la conscience même, seront neufs. Plus ils seront neufs, plus ils seront vrais, indemnes de pillages et justes. Que seront-ils? Nous n'en savons rien! Renaissance ou gréco-latins? Voilà le dada des professeurs et des académies. La vie n'en a cure. Je dis qu'il faut enlever leurs chaires aux discoureurs, car ils font du bruit, ils retiennent les élans, ils troublent de leurs cancans une journée neuve et limpide. Ils n'ont pas le droit de ternir le ciel, à son aurore. L'examen des réalités profondes du phénomène architectural contemporain va nous montrer, une fois encore, qu'une page est tournée, qu'il s'agit de demain et non pas d'hier, — non pas d'une école illustre, charmante, ou facile, mais de signifier par l'art la conquête épique des temps nouveaux. Terres nouvelles, actes nouveaux, fraîcheur, création, inconnu des solutions, attitude inconnue des solutions.

5. L'architecture des temps nouveaux n'est pas encore dans des palais ou dans des maisons. Rien ne l'a permis, tout s'y est opposé puisque le programme social n'est pas formulé ou est mal formulé, ou aussi troublé par le ballast des rognures, des résidus, des décompositions.

6. L'architecture des temps modernes est dans les objets mêmes qui sont le produit du temps, dans tout ce qui est soumis aux investigations de l'oeil, à ce que l'oeil voit, mesure et apprécie.

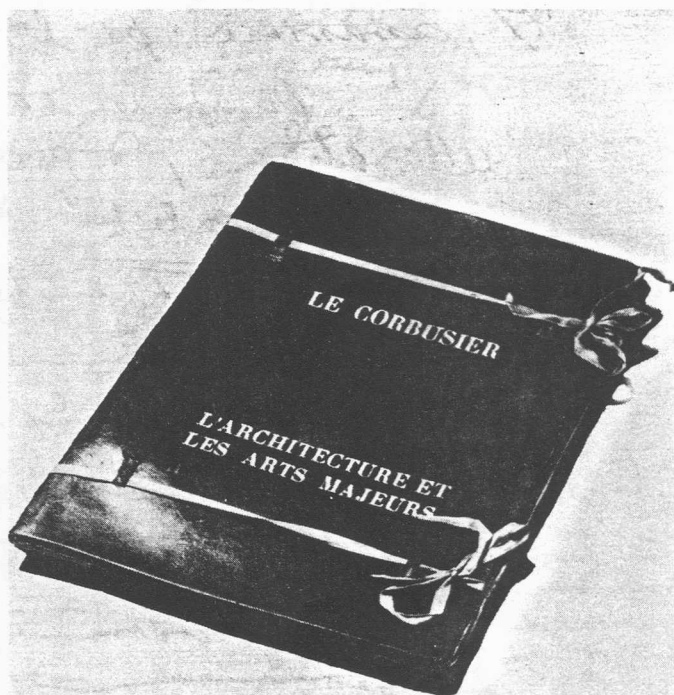
7. Et ceci représente depuis cent ou dix années une prodigieuse apparition, une faune nouvelle: les *machines*, aussi loin que cette notion puisse s'étendre. Elle s'étend d'un objet à l'autre, — du stylographe que vous prenez dans votre poche, à la machine à écrire du bureau, à l'ascenseur du gratte-ciel de Manhattan, à l'avion qui fait le transport transocéanique des gens et des lettres, à ce Zeppelin dans lequel j'écris à cette minute, etc., etc. J'ai visité tout à l'heure la féérique ossature intérieure du vaisseau aéron. Quelles en sont les règles? Précises, dramatiques, rigoureuses: l'économie. Nous venons de survoler à cent mètres, sur la ligne de l'Equateur, l'un des grands liners de l'*Hamburg America Linie*, puis un "mixte" de la Blue Star. Y avait-il de l'architecture en ces deux neufs fendants les flots? Le second était plus harmonieux que le premier, bien que

vo, individual, coletivo e cósmico — lá, onde ele se exprime no grande debate *homem e natureza, homem e destino*. É lá que ele resgata a questão, é lá que ele resgata o problema da realidade. Sublinho de passagem que essa retomada de contacto com o fundo da questão, o fundamento da existência humana, tornou-se singularmente fecunda pelo vôo do avião ou do dirigível; que a ação de sobrevoar lugares habitados, construídos ou cultivados, oposta à de sobrevoar sítios onde a natureza não foi em absoluto subjugada, mas, ao contrário, onde ela se glorifica impassível no seio das leis cósmicas — Alpes, rios, estuários, desertos, florestas virgens, mares e oceanos —, mergulha a alma num exame que não é estéril nem inútil. Ao contrário, esse instrumental, responsável por uma profunda e sadia meditação, faz parte desse gigantesco equipamento global da civilização da máquina, cujos primeiros elementos abriram para os homens uma série de fatos imprevisíveis, exigindo um comportamento novo e dotando-nos pouco a pouco de uma consciência muito distinta. O debate não se trava em torno de penduricalhos decorativos, em torno de bodegas pictóricas ou de pastelarias plásticas. A humanidade foi lançada nos Tempos Novos. As artes, expressão da própria consciência, serão novas. Quanto mais novas, mais verdadeiras, justas e ilesas de pilhagens. Que serão elas? Nada sabemos a esse respeito! Renascença ou Antigüidade Clássica? Eis a mania dos professores e das academias. A vida não os curou. Digo que é preciso retirar os púlpitos dos pregadores, pois eles fazem barulho, detêm os impulsos, enodoam com seus cancãs um dia novo e límpido. Eles não têm o direito de obscurecer o céu, quando desponta a manhã. O exame das realidades profundas do fenômeno arquitetônico contemporâneo irá nos mostrar, ainda uma vez, que uma página foi virada, que se trata de amanhã, e não de ontem — não de uma escola ilustre, encantadora, ou fácil, mas de exprimir pela arte a conquista épica dos novos tempos. Terras novas, atos novos, frescor, criação, soluções ainda por encontrar, atitude desconhecida das soluções.

5. A arquitetura dos novos tempos não está ainda nos palácios ou nas casas. Nada a autorizou, tudo se lhe opôs, uma vez que o programa social não está formulado ou é mal formulado, ou também perturbado pelo lastro dos fragmentos, dos resíduos, das decomposições.

6. A arquitetura dos tempos modernos está nos próprios objetos que são o produto do tempo, em tudo o que se acha sujeito às investigações do olho, desse olho que vê, mede e aprecia.

7. E isso representa, desde há cem ou dez anos, uma prodigiosa aparição, uma nova fauna: as *máquinas*, por mais longe que se possa levar essa noção. Ela se estende de um objeto a outro — da caneta que você leva no bolso à máquina de escrever do escritório, ao elevador do arranha-céu de Manhattan, ao avião que faz o transporte transoceânico de pessoas e cartas, a este Zeppelin a bordo do qual escrevo neste minuto etc., etc. Acabo de visitar a feérica ossatura interior da aeronave. Quais são suas regras? Precisas, dramáticas, rigorosas: a economia. Acabamos de sobrevoar a uma altura de cem metros, sobre a linha do equador, um dos grandes navios da Hamburg America Linie, depois um "misto" da Blue Star. Haveria arquitetura nessas naves que rasgam as ondas? O segundo era mais harmonioso que o primeiro, se bem que este fosse mais majestoso. O veredicto não poderia nos conduzir senão à *arquitetura*, e de



Pedro Lobo/1984

Nas páginas seguintes, fac-símiles dos originais, cuja capa se reproduz acima.

celui-ci fût plus majestueux. Le verdict ne pouvait être que *d'architecture*, à n'en pas douter. De ma cabine je ne vois rien de notre immense vaisseau volant, mais seulement les sondes suspendues au dessous et qui mesurent la vitesse de l'aérostato. Voulez-vous m'interdire de m'émouvoir à la vue de ces quatres courbures de cable les plus gracieuses qui soient au monde qui expriment la lutte ou la vitesse ou la pesanteur dont la mathématique est l'ordre de l'échine des chapiteaux doriques du Parthénon, tandis que tout "dorique" de la Renaissance a entièrement perdu cet esprit d'architecture qui est une exteriorisation manifeste des lois de la nature?

8. J'ai cité quelques objets des temps modernes et j'ai posé cette question: appartiennent-ils aux événements de l'architecture? La réponse est évidente. Ils ont précédé les maisons et les palais parce qu'il n'existait pas de réglementations édilitaires pour en déformer la croissance, parce qu'ils sont les fourriers mêmes de l'évènement social nouveau, alors que l'évènement social ancien encore présent aujourd'hui empêche nos maisons et nos palais d'avoir leur authentique destination. Et par conséquent, leur enlève l'essence même de l'architecture qui est l'harmonie manifestée. Les maisons et les palais contemporains ne sont que des aventures équivoques, partielles et mutilées.

9. Et les maisons et palais dits *d'architecture moderne* sont à examiner sous bénéfice d'inventaire. La plupart sont des mascarades, des plagiat, des corps morts, des manifestations de la mode, des prétextes à flagorneries. La bêtise règne aussi

modo a não haver dúvidas. De minha cabine nada vejo de nossa imensa nave flutuante, a não ser as pequenas sondas suspensas acima e que medem a velocidade do aerostato. Querem vocês impedir-me de me emocionar diante dessas quatro curvaturas de cabo, as mais graciosas que existem no mundo e que expressam a luta, a velocidade ou o peso cuja matemática é a ordem da medula dos capitéis dóricos do Partenon, enquanto todo o "dórico" da Renascença perdeu inteiramente esse espírito de arquitetura que é uma exteriorização manifesta das leis da natureza?

8. Mencionei alguns objetos dos tempos modernos e coloquei esta questão: pertencem eles ao universo da arquitetura? A resposta é evidente. Eles precederam as casas e os palácios porque não existia regulamentação legislativa para lhes deformar o crescimento, porque eles são os próprios precursores do novo acontecimento social, quando o antigo acontecimento social, ainda presente, impede que nossas casas e nossos palácios alcancem sua autêntica destinação. E, conseqüentemente, rouba-lhes a própria essência da arquitetura, que é a harmonia manifestada. As casas e os palácios contemporâneos nada mais são do que aventuras equívocas, parciais e mutiladas.

9. E as casas e os palácios dits de *arquitetura moderna* devem ser olhados como bens de inventário. A maioria não passa de mascaramentos, plágios, corpos mortos, manifestações da moda, pretextos para bajulações. A tolice reina tanto nos grupos dos "modernos" quanto nos dos "outros". A levianidade de espírito, a canalhice, a mentira aí se enraízam com

12/, assassinée par l'école et l'académie.

On parle tout de suite ^{proposé} ~~proposé~~ de
cette étude, d'architecture "rationnelle,"
ou "rationnaliste". Un troisième terme
est couramment employé: l'architecture
fonctionnaliste donc la discussion fondamentale: celui de

22 Si l'on parle d'architecture rationnelle,
ou fonctionnaliste, c'est pour en imposer;
~~et~~ l'opposé, une autre, irrationnelle et
non-fonctionnaliste

On admet donc le premier en ces temps
nouvels ^{de la société humaine} une architecture qui n'est
ni irrationnelle et ni non-fonctionnaliste

On admet qu'elle existe, qu'elle
est désirable, agressive, inévitable. Mais
puil s'agit de la rappeler à l'autre
- ~~la~~ l'irrationnelle et le non-
fonctionnaliste - par un apport commun
~~sur~~ de: assise à l'autre et
puil a peut-être ^{ai tel a guère} rendre non fonctionnaliste
et irrationnelle: le dessin, la peinture et
la sculpture.

Mais je ne pense que cette discussion est
déplacée, sans fruit. Il n'y a pas
d'architecture rationnelle ou irrationnelle.
Il y a des architectes qui respectent leur
mission en édifiant des constructions
"fonctionnelles" et d'autres qui sont des
misérables et des voleurs, ce qui construction

4 De francs-en-cas d'écriture, autour
de statiquement pictural, on se fatiguerait
plastiques. L'humanité est projetée dans le
temps nouveau, le art, l'expression
de la conscience même, seront renforcés.
Plus ils sont renforcés, plus ils sont vains,
indemnes de pillages et profits. Que seront-ils?
Pour n'être jamais rien! De la Renaissance
ou grecs-latin? Voilà le dada de
professeurs et d'académies. La vie
n'est-elle pas? Je dis qu'il faut
enlever leurs chairs aux des académies, car
ils font du bruit, ils retentissent de clairs,
ils tombent de leur carcasse une journée
nouvelle et limpide. Ils n'ont pas le droit
de tenir le ciel, c'est son aurore.
L'expression des réalités profondes de phénomène
architectural contemporain, ne nous
montre, une fois encore, qu'une page
est tournée, qu'il s'agit de demain
et non d'hier, qu'on ne peut plus avoir
d'illustration charmante, on fait, mais
de l'illustration par l'art, la conquête
épique du temps nouveau. Temps nouveau, c'est
nouveau, fraîcheur, création, incision de
solutions, attitude en vis-à-vis de solutions

5 L'architecture du temps nouveau
n'est pas encore dans les palais ou
dans les maisons. Rien ne l'a permis,
tout s'y est opposé jusqu'à l'incompréhension
sociale n'étant pas formulée ou en mal
formulée, on a été ~~malade~~ ^{filée} ~~malade~~ ^{trouble}

bien dans les troupes des "modernes" que dans celle des "autres". La légèreté d'esprit, la goujaterie, le mensonge s'y logent fort bien: Qu'est donc l'architecture moderne? Il est temps d'en fixer l'état.

10. Il ne faut pas mélanger toutes choses. Je dis que j'ai le droit de faire entrer dans l'architecture tout objet construit par l'esprit humain, ressortissant au phénomène optique: forme, sous la lumière. J'avais introduit mon premier débat sur l'architecture dans l'Esprit Nouveau 1919 par ceci: "*L'architecture est le jeu savant, correct et magnifique des formes sous la lumière.*" La notion de "jeu" impliquait donc le fait d'une intervention personnelle illimitée, puisque le jeu doit se jouer par toute personne mise en présence de l'objet. Cette notion de "jeu" affirmait l'existence du créateur du jeu, de celui qui avait fixé la règle, qui, par conséquent avait inscrit dans cet objet une intention formelle et discernable.

11. Formelle et discernable peuvent étendre leur signification à tout ce que crée l'instinct, à tout ce que peut saisir et enserrer l'impulsif. Instinct, impulsion, création, étant la somme consciente ou inconsciente des acquisitions individuelles ou de tradition.

Voici donc présent, immanent, inscrit au dedans le fait capital: *une intention*. Le problème de l'architecture est autour de la valeur de cette intention.

12. Intention. Un homme d'un côté avec une idée en gestation qu'il extériorise à destination de ceux qui regardent, habitent ou subissent, c'est-à-dire, de nouveau un homme, un autre et ainsi de suite.

Il faut donc un langage humain à l'architecture.

13. Voici les "styles"; les *trois ordres* sacrés de l'architecture — dorique, ionique, corinthien (avec leurs suppléments: le toscan, le composite, etc.). Et pour que ce langage ne soit pas hermétique, un enseignement insistant, tenace, cramponnant: académies et écoles.

En face de mon homme "nu", les styles font une drôle de tête. L'homme "nu" observe toutefois que le dorique est robuste, l'ionique souple et féminin, et le corinthien... assez vaseux à vrai dire. C'est tout ce qu'il peut retenir de langage humain à ce sujet.

A de telles touches légères ne peut pas se restreindre le phénomène architectural, cette oeuvre des mains et du cerveau, *quand l'homme se prend à construire.*

14. CONSTRUIRE. Laissons à ce terme son immense noblesse, sa force, son optimisme, son geste, — *ce signe de vie.*

15. *Des formes sous la lumière.* Dedans et dehors; dessous et dessus. *Dedans:* on entre, on marche, on regarde en marchant et les formes s'expliquent, se développent, se combinent. *Dehors:* on approche, on voit, on s'intéresse, on s'arrête, on apprécie, on tourne autour, on découvre. On ne cesse de recevoir des commotions diverses, successives. Et le jeu joue appaiait. On marche, on circule, on ne cesse de bouger, de se tourner. Observez avec quel outillage l'homme ressent l'architecture: il a deux yeux qui ne peuvent voir que devant; il peut tourner la tête latéralement ou de bas en haut, tourner le corps, ou transporter son corps sur des jambes et tourner tout

fermeza: o que vem a ser então a arquitetura moderna? É tempo de determinar-lhe a condição.

10. Não é preciso misturar tudo. Digo que me assiste o direito de introduzir na arquitetura todo objeto produzido pelo espírito humano capaz de sobressair do ponto de vista óptico: forma sob a luz. Assim abrirei eu meu primeiro debate sobre a arquitetura no *Esprit Nouveau* 1919: *A arquitetura é o jogo sábio, correto e magnífico das formas sob a luz.* A noção de "jogo" envolvia, pois, o fato de uma intervenção pessoal ilimitada, pois o jogo deve ser jogado por qualquer pessoa colocada diante do objeto. Essa noção de "jogo" afirmava a existência do criador do jogo, daquele que estabelecera a regra e que, em consequência, inscrevera naquele objeto uma intenção formal e discernível.

11. Formal e discernível podem estender sua significação a tudo aquilo que o instinto criou, a tudo aquilo que pode subjugar e incluir o impulsivo. Instinto, impulso, criação sendo a soma consciente ou inconsciente das aquisições individuais ou da tradição.

Eis então presente, imanente, inscrito dentro do fato capital: *uma intenção*. O problema da arquitetura reside naquilo que está ao redor do valor dessa intenção.

12. Intenção. Um homem, de um lado, com uma idéia em gestação que ele exterioriza para aqueles que olham, habitam ou suportam, isto é, de novo um homem, um outro homem e assim por diante.

É preciso pois uma linguagem humana para a arquitetura.

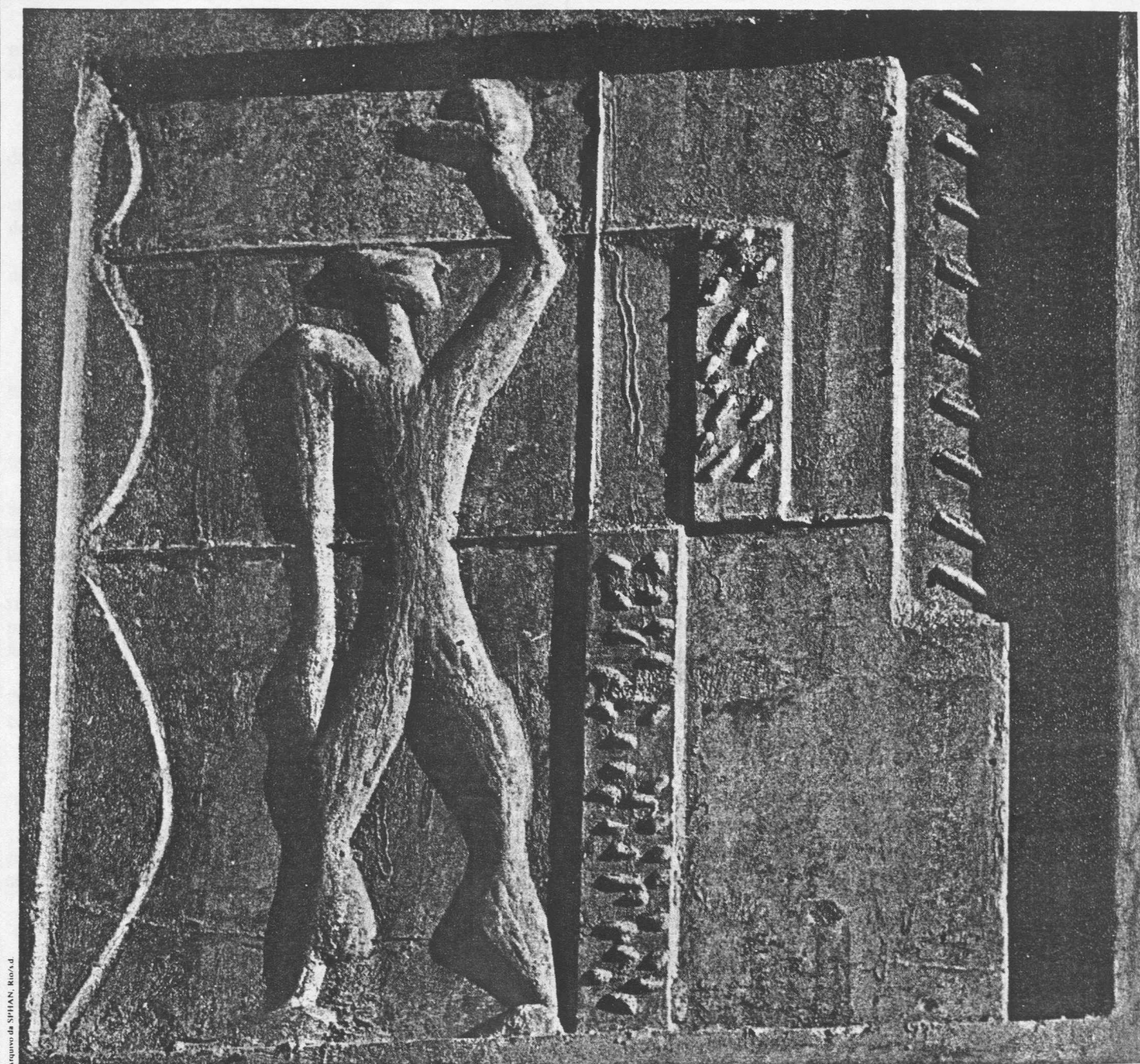
13. Eis os "estilos": as *três ordens* sagradas da arquitetura — dórica, jônica e coríntia (com seus suplementos: o toscano, o composto etc.). E para que essa linguagem não seja hermética, um ensinamento insistente, tenaz, agridoante: academias e escolas.

Diante de meu homem "nu", os estilos pouco dizem. Todavia, o homem "nu" observa que o dórico é robusto, o jônico flexível e feminino, e o coríntio... muito lodoso a bem dizer. Isso é tudo que ele pode guardar da linguagem humana sobre esse assunto.

A tais toques ligeiros não se pode restringir o fenômeno arquitetônico, essa obra das mãos e do cérebro, *quando o homem se põe a construir.*

14. CONSTRUIR. Deixemos a este termo sua imensa nobreza, sua força, seu otimismo, seu gesto — *este signo de vida.*

15. *Formas sob a luz.* Dentro e fora; em cima e embaixo. *Dentro:* entra-se, anda-se, olha-se ao andar e as formas se explicam, se desenvolvem, se combinam. *Fora:* aproxima-se, vê-se, fica-se interessado, pára-se, aprecia-se, gira-se em torno, descobre-se. Recebe-se continuamente comoções diversas, sucessivas. E o jogo jogado aflora. Anda-se, circula-se, continua-se a mexer, a girar. Observem com que instrumental o homem sente a arquitetura: ele tem dois olhos que não podem ver senão o que está adiante; ele pode virar a cabeça lateralmente ou de alto a baixo, virar o corpo ou transportá-lo sobre as pernas e virar todo o tempo. São centenas de percepções sucessivas que constituem sua sensação arquitetônica. O que vale é sua capacidade de caminhar, de circular, verdadeira força motriz de aconteci-



Baixo-relevo de Le Corbusier: unindo arquitetura às artes plásticas.

le temps. Ce sont des centaines de perceptions successives qui font sa sensation architecturale. C'est sa promenade, sa circulation qui vaut, qui est motrice d'événements architecturaux. Par conséquent le jeu joué n'a pas été établi sur un point fixe central, idéal, rotatif et à vision circulaire simultanée. Ça c'est alors l'architecture des écoles, des académies, c'est le fruit décadent de la Grande Renaissance, c'est la mort de l'architecture, — sa pétrification.

16. L'architecture dépend du plan et de la coupe. Le jeu entier est inscrit dans ces deux moyens matériels — l'un horizontal, l'autre vertical — d'exprimer le volume et l'espace.

mentos arquitetônicos. Em consequência, o jogo jogado não se estabeleceu sobre um ponto fixo central, ideal, rotativo e com visão circular simultânea. Esta é então a arquitetura das escolas, das academias, o fruto decadente da Grande Renascença, a morte da arquitetura — sua petrificação.

16. A arquitetura depende do plano e do corte. Todo o jogo está inscrito nesses dois meios materiais — um horizontal, outro vertical — destinados a expressar o volume e o espaço.

17. Ali está o jogo arquitetônico: as combinações, a sinfonia musical: a diversidade, a nuance, o silêncio, a doçura ou o clamor e a força.

Esses são os meios.

17. Là est le jeu architectural: les combinaisons, la symphonie musicale: la diversité, la nuance, le silence, la douceur ou la clameur et la force.

Tels sont les moyens.

18. Je n'ai pas eu besoin de parler de qualité de matériaux, de leur prix, de l'exactitude de leur mise en oeuvre.

Je n'ai pas parlé de moulures, de décors sculptés ou peints, et pas du tout de statues ou de frises faites par des génies ou des imbéciles.

Il y a bien d'autres choses auparavant, qui sont le fait même de l'architecture.

19. La lumière.

Si la lumière s'éteint les hommes dorment.

Les émotions psycho-physiologiques les plus fondamentales sont rivées à la force, à l'intensité, à la qualité de la lumière.

Soleil!

Ah, ici intervient le Maître et sa loi. Nous sommes conditionnés par le soleil. Tel est notre sort.

Voici donc l'un des matériaux éminents de l'architecture. Si votre pièce reçoit sa lumière du nord ou si elle la reçoit du sud, quel contraste! Du noir ou du blanc! Telle est la force de la lumière solaire.

Cette lumière, comment l'avez-vous captée, introduite chez vous, dans la pièce, dans le vaisseau architectural? Mais voici précisément le grand jeu qui continue à se jouer: *Comment la lumière entre-t-elle dans la pièce?*

Tristesse ou joie, je n'ai besoin ni de chérubins, ni de "pleureuses" pour faire chaud ou froid à votre cœur ou à mon cœur.

20. Jeu savant, correct et magnifique...

Jeu bête, idiot, baveux et misérable...

C'est au choix!

Où est le subterfuge extérieur, l'assurance "tous risques" contre la bêtise, ce que fera prendre des vessies pour des lanternes et fera tout origérer sans avoir à insister davantage?

Les "styles" et l'appel aux décorateurs peintres et sculpteurs!

Non, restons dans l'architecture: *Savant, correct et magnifique!* Mais c'est dans la tête et le cœur que ces choses se trouvent. Elles sont, elles aussi, les prestigieux outils de l'architecte.

On les appelle: les PROPORTIONS. Tel rectangle va avec tel autre du plan. Telle hauteur de mur convient à l'étendue qui est ici.

J'entrerai dans cette pièce à cet endroit, car le choc sera conforme à ma symphonie projetée. Et la lumière solaire, elle entrera ainsi et non pas comme cela.

Ce jeu qui fut décidé par l'architecture se joue à toute heure du jour et du temps par des inconnus qui subiront la conséquence de leur solitude dans ce paysage volontaire, ou qui recevront le fluide des foules rassemblées ici et rendues cohérentes par la réussite des dispositions prises. Solitude ou foules, battements de cœur isolés ou vibrations d'enthousiasme collectifs, — cette présence de l'un ou des milliers d'inconnus en ces endroits fortement préconçus, voilà encore les grands mobiles de l'architecture.

Ainsi ai-je continué à être architecte; je n'ai cessé d'être architecte; j'ai fait de l'architecture. Cette architecture est complète, telle.

18. Não preciso falar sobre a qualidade de materiais, de seu preço, da exatidão de seu emprego.

Não falo de molduras, de interiores esculpidos ou pintados, e muito menos de estátuas ou afrescos feitos por gênios ou imbecis.

Há outras coisas de agora em diante, que constituem a própria realidade arquitetônica.

19. A luz.

Se a luz se apaga, os homens dormem.

As emoções psicofisiológicas mais fundamentais estão reduzidas à força, à intensidade, à qualidade da luz.

Sol!

Ah, aqui intervém o mestre e sua lei. Estamos condicionados pelo sol. Esse é o nosso destino.

Eis, pois, um dos materiais eminentes da arquitetura. Se um quarto recebe sua luz do norte ou do sul, que contraste! Preto e branco! Tal é a força da luz solar.

Essa luz, como vocês a captaram, se introduz na casa, no quarto, no receptáculo arquitetônico? Mas eis precisamente o grande jogo que continua a ser jogado: *Como entra a luz no quarto?*

Tristeza ou alegria, não tenho necessidade nem de querubins, nem de "carpideiras" para trazer calor ou frio ao coração de vocês ou ao meu.

20. Jogo sábio, correto e magnífico...

Jogo estúpido, idiota, rabujento e miserável...

A escolher!

Onde está o subterfúgio exterior, a segurança de "todos os riscos" contra a tolice, o que fará tomar velas por lanternas e fará passar sobre tudo isso sem ter que insistir por mais tempo?

Os "estilos" e o apelo aos decoradores, pintores e escultores!

Não, fiquemos na arquitetura: *Sábia, correta e magnífica!* Mas é na cabeça e no coração que as coisas se encontram. Estas é que são, e principalmente, as prestigiosas ferramentas do arquiteto.

Nós as chamamos: as PROPORÇÕES. Esse retângulo cai bem com aquele outro do plano. Essa altura de parede convém à extensão que está aqui.

Entrarei nesse cômodo por aquele lado, pois o impacto estará de acordo com minha sinfonia projetada. Quanto à luz solar, ela entrará desse jeito, e não daquele.

Este jogo, que foi decidido pelo arquiteto, é jogado todas as horas do dia e do tempo por desconhecidos que suportarão as consequências de sua solidão nessa paisagem voluntária, ou que receberão o fluído das multidões aqui reunidas e tornadas coerentes pelo êxito das disposições adotadas. Solidão ou multidões, batimentos de um coração solitário ou vibrações de entusiasmo coletivo, essa presença de um ou de milhares de desconhecidos nesses recantos fortemente preconcebidos, eis ainda as grandes motivações da arquitetura.

Assim, continuei a ser arquiteto; não deixei de ser arquiteto; fiz arquitetura. Essa arquitetura é completa.

Isso deve ser dito, solenemente, ao longo de um estudo intitulado tal qual este aqui.

21. Permitir-me-ei entrar por um momento numa ordem de discussão ridícula, grotesca.

Mas essa pausa mostrará precisamente a que ponto desceu a arquitetura, o quanto ela se diluiu, acabando por se tornar

Ceci doit être affirmé, solennellement, au cours d'une étude intitulée comme l'est celle-ci.

21. Et je vais consentir à entrer pour un instant dans un ordre de discussion ridicule, grotesque.

Mais cet arrêt montrera précisément combien bas était tombée l'architecture, combien elle était évanouie, morte, assassinée par les écoles et académies.

On parle dans le titre proposé de cette étude, d'architecture "*rationnelle*", ou "*rationaliste*". Un troisième terme est couramment employé dans des discussions semblables: celui de *l'architecture fonctionnaliste*.

22. Si l'on parle d'architecture *rationnelle* ou *fonctionnaliste*, c'est qu'on en imagine, à l'opposé, une autre, *irrationnelle* et *non-fonctionnante*.

On admet donc la présence, en ces heures nouvelles de la société humaine, d'une architecture qui n'est ni irrationnelle et ni non-fonctionnante.

On admet que cela existe, que cela est désormais acquis, irrémédiable. Mais qu'il s'agit de la raccorder à l'autre — l'irrationnelle et la non-fonctionnante — par l'aide d'une tierce personne déjà collée à l'autre et qui l'a peut-être conduite à devenir *non-fonctionnante* et *irrationnelle*: le décor, la peinture et la sculpture.

Moi je dis que cette discussion est déplacée, sans fruit. Il n'y a pas d'architecture rationnelle ou irrationnelle. Il y a des architectes qui respectent leur mission en édifiant des constructions "*fonctionnantes*" et d'autres qui sont des misérables et des voleurs, et qui construisent des édifices non-fonctionnants et irrationnels.

23. Je conclus: l'architecture est une activité s'étendant à toute construction assujettie aux lois de la vision. La société est criminelle si elle édifie des constructions ne servant à rien ou servant mal les besoins des usagers.

L'objet de cette activité: *construire*, s'étend aujourd'hui à une masse inattendue d'objets innombrables et diversifiés en formes, grandeur, destinations et matières.

Le jeu architectural ne s'y joue pas moins avec rigueur sur la base de événements organiques et plastiques qui sont l'objet considéré.

Je ne comprends pas ce que les arts figuratifs ont de mission impérieuse en cette affaire.

Je dis: l'architecture n'en a nul besoin.

Mais j'ajoute sans tarder: l'architecture en certaines occasions peut satisfaire à ses tâches et augmenter le plaisir des hommes par une collaboration exceptionnelle et magnifique avec les arts majeurs: peinture et statuaire.

Problèmes de qualité éminents qui peuvent aussi bien préoccuper l'habitant d'un logis que le podestat faisant élever quelques édifices à la gloire de son peuple.

L'oeuvre d'art, présence insigne

Sur terrain déblayé, l'architecture apparaissant sans équivoque désormais comme une plante vivace, entière, une, il est possible de poursuivre le rêve humain qui est de s'intéresser dans la perfection, à la pluralité des choses, à la symphonie des événements, à la synthèse de la pensée. L'esprit de perfection

morta, assassinada pelas escolas e academias.

Fala-se, no tema proposto para este estudo, de arquitetura *racional* ou *racionalista*. Um terceiro termo correntemente empregado em discussões semelhantes é o de *arquitetura funcionalista*.

22. Se se fala de arquitetura *racional* ou *funcionalista*, é porque se imagina, ao contrário, uma outra, *irracional* e *não-funcionante*.

Admite-se, pois, nessa nova era da sociedade humana, a presença de uma arquitetura que não é nem *irracional* nem *não-funcionante*.

Admite-se que isso existe, que isso foi adquirido em caráter irremediável. Mas é preciso associá-la à outra — a irracional e a não-funcionante — com ajuda de uma terceira peça já graduada à outra e que talvez a levou a tornar-se *não-funcionante* e *irracional*: a decoração, a pintura e a escultura.

Mas digo que essa discussão está deslocada e é infrutífera. Não há arquitetura racional ou irracional. Há arquitetos que dignificam sua missão edificando construções "*funcionantes*" e outros, que não passam de míseros e ladrões, que constroem edifícios não-funcionantes e irracionais.

23. Concluo: a arquitetura é uma atividade que se estende a toda a construção sujeita às leis da visão. A sociedade torna-se criminosa se edifica construções que não servem para nada ou que não atendem às necessidades dos usuários.

O objetivo dessa atividade — *construir* — abrange hoje em dia um conjunto inesperado de objetos inumeráveis e diversificados quanto à forma, à grandeza, às destinações e às matérias.

O jogo arquitetônico não é jogado com menor rigor sobre a base de acontecimentos orgânicos e plásticos que constituem o assunto abordado.

Não compreendo que missão imperativa exercem as artes figurativas nesse contexto.

Afirmo que a arquitetura não tem nenhuma necessidade delas.

Mas acrescento sem demora: em certas ocasiões, a arquitetura pode satisfazer às suas tarefas e aumentar o prazer dos homens através de uma *colaboração excepcional e magnífica* com as artes maiores: pintura e estatuária.

Eminentes problemas de qualidade capazes de preocupar tanto o morador de uma vivenda quanto o governo que faz erigir edifícios à glória de seu povo.

A obra de arte, presença insigne

Sobre esse terreno desentulhado, no qual a arquitetura aparece doravante inequívoca, como uma planta vivaz, inteira, uma, possível ir em busca do sonho humano, que é o de se interessar pela perfeição, pela pluralidade das coisas, pela sinfonia dos acontecimentos, pela síntese do pensamento. O espírito de perfeição criou "*gêneros*" cuja clareza e pureza são virtudes essenciais. Assim, quando seu coração se transforma no *teatro* das emoções, o homem tem, sob a mão, o *livro* com seus poemas ou suas idéias, a música com numerosas e fortes manifestações diversificadas, a arquitetura e também essas especialidades tão eloquentes: a estatuária, a pintura.

Vocês admitirão que aqui não se evoca em absoluto a *arte decorativa*, doença de um fim de civilização, que tanto é de

a créé des "genres" dont la clarté et la pureté sont les vertus essentielles. Ainsi, quand son cœur est le théâtre en émoi, l'homme a-t-il sous la main *le livre* avec ses poèmes ou ses idées, la musique avec de nombreuses et fortes manifestations diversifiées, l'architecture et aussi ces spécialités si éloquentes: la statuaire, la peinture.

Vous admettez qu'on n'évoque point ici l'art décoratif, maladie d'une fin de civilisation, qui est l'un ou l'autre de la peinture ou de la statuaire, mais avec un coefficient de faible qualité. Il n'y a pas d'art décoratif. Il y a l'art tout court, si humble soit-il! Humble, il peut être puissant (les Folk-lores).

Suivons à nouveau ce phénomène architectural, cause du débat. Il a de puissants moyens d'expression fondamentaux.

Entrons un peu dans la saleté et la sottise, et nous verrons combien il est facile de faire propre de nouveau, et sain, et solide.

Les *papiers peints* (toutes les couleurs aux choix, les innombrables dessins, arabesques, tâches, tous les genres et tous les styles, etc., etc.), il est d'usage *d'en couvrir* l'architecture. Ce faisant, on l'anéantit. Pourquoi de telles coutumes sont-elles nées un jour du XIX siècle? Parce que l'architecture tombait en déchéance. Alors on l'a traitée aux piqûres fortes. Puisque elle était morte, n'en parlons plus.

Vivant à nouveau sur ses lois même aujourd'hui, elle n'a nul besoin des papiers peints.

Ces papiers peints, vulgaires souvent, parfois raffinés, me permettent de voir apparaître la vraie question dont je n'ai pas encore parlé. Question éminente d'architecture: la *POLYCHROMIE*.

Ici de nouveau, une vérité fondamentale: l'homme a besoin de couleurs. La couleur est l'expression immédiate, spontanée de la vie.

La couleur entrera-t-elle dans l'architecture par l'intervention de l'artiste peintre? Nullement. L'artiste peintre, au total, — et si violemment coloriste soit-il — n'apporte pas de masses de couleur suffisamment compactes, pour qualifier un mur — le mur, assiette de la sensation architecturale —; il disqualifie plutôt le mur, le fait éclater, exploser, lui enlevant son existence même: "Je conserverai l'intégrité de votre mur" — promet le peintre à l'architecte. Illusion! J'aime bien insister sur ce petit détail. Il me prouve que les peintres ont, hélas, très peu le don profond de l'observation: ils ne voient pas sous cinq lignes et trois couleurs s'effondrer, fuir, ce mur qu'ils prétendent vouloir respecter!!! Ne nous énervons pas et ne nous disputons pas! Tout à l'heure nous irons chercher les peintres *pour faire sauter des murs qui nous gênent*.

La polychromie architecturale est autre chose; elle s'empare du mur entier et le qualifie avec la puissance du sang, ou la fraîcheur de la prairie, ou l'éclat du soleil, ou la profondeur du ciel ou de la mer. Quelles forces disponibles! C'est *de la dynamique*, comme je pourrai écrire *de la dynamite* tout aussi bien, avec mon peintre introduit dans la maison. Si tel mur est bleu, il fuit; s'il est rouge, il tient le plan, ou brun; je peux le peindre noir, ou jaune.

Mr. Chevreul, sauf erreur, avait créé trente mille couleurs! Je crois que l'architecture refuse dans la polychromie l'application des couleurs dites pigmentaires: c'est-à-dire d'aspect "chimique": les anilines, etc., appellation populaire de ce qui est strident, mobile et semble convenir très particulièrement à la mode.

Les grandes couleurs de base, les couleurs "éternelles": les

uma como de outra, da pintura ou da estatuária, mas com um coeficiente de fraca qualidade. Não há arte decorativa. Há a arte, e só, por mais humilde que seja! Humilde, que pode ser vigorosa (os folclores).

Sigamos novamente esse fenômeno arquitetônico, causa do debate. Há poderosos meios fundamentais de expressão.

Entremos um pouco na sujeira e na tolice, e veremos quanto fácil é fazer do novo algo bem arrumado, sadio e sólido.

Os *papéis de parede* (todas as cores a escolher, os incontáveis desenhos, arabescos, manchas, todos os gêneros e todos os estilos etc., etc.) têm como objetivo usual *encobrir* a arquitetura. Fazendo-se isso, reduz-se tudo a nada. Por que tais costumes nasceram um dia durante o século XIX? Porque a arquitetura entrou *em declínio*. Trataram-na então com dosagens fortes. E assim que ela morreu, não se falou mais no assunto.

Vivendo novamente nos dias de hoje sobre suas próprias leis, ela não tem nenhuma necessidade de papéis de parede.

Esses papéis de parede, amiúde vulgares, por vezes refinados, permitem-me ver surgir a verdadeira questão de que ainda não falei. Uma questão crucial de arquitetura: a *POLICROMIA*.

Aqui, outra vez, uma verdade fundamental: o homem tem necessidade de cores. A cor é a expressão imediata, espontânea da vida.

A cor entra na arquitetura pela intervenção do artista pintor? Absolutamente, o artista pintor, em suma — e por mais intensamente colorista que seja —, não traz massas de cores suficientemente compactas para qualificar uma parede — a parede, suporte da sensação arquitetônica —; ele antes desqualifica a parede, fá-la estalar, explodir, arrebataando sua própria existência: "Conservarei a integridade de sua parede", promete o pintor ao arquiteto. Ilusão! Apraz-me insistir sobre este pequeno detalhe. Isso me prova que os pintores têm, ai de mim, muito pouco desenvolvido o dom profundo da observação: eles não vêem, sob cinco linhas e três cores, desmoronar, fugir essa parede que pretendem respeitar!!! Não nos enervemos nem discutamos! Daqui a pouco iremos procurar os pintores *para fazerem saltar paredes que nos estorvam*.

A policromia arquitetônica é outra coisa; ela se apossa de toda a parede e a qualifica com a potência do sangue, ou o frescor da pradaria, ou o clarão do sol, ou a profundidade do céu ou do mar. Que forças disponíveis! É a *dinâmica*, que eu poderia escrever muito bem a *dinamite*, com meu pintor introduzido na casa. Se uma parede assim fosse azul, ela fugiria; se fosse vermelha, manteria o plano, o mesmo ocorrendo caso fosse castanha; posso pintá-la de preto ou de amarelo.

O Sr. Chevreul, salvo erro, criara trinta mil cores! Creio que o arquiteto recusa na policromia, a aplicação das cores ditas pigmentares, isto é, de aspecto "químico": as anilinas, etc., designação popular do que é estridente, móvel e parece convir muito particularmente à moda.

As grandes cores de base, as cores "eternas", os terras e ocre, o ultramarino. Mas verdes ingleses intensos e vermelhões violentos podem também entrar sinfonicamente na policromia arquitetônica.

A policromia arquitetônica não mata as paredes; pode deslocá-las em profundidade e classificá-las em importância. Se for hábil, o arquiteto tem diante de si recursos de uma saúde e de uma potência totais. A policromia pertence à grande arquitetura viva de sempre e de amanhã. O papel de parede permitiu vê-lo claramente, repudiar tais jogos desonestos e abrir todas as portas aos grandes clarões da policromia, dispensadores de

terres et ocres, l'outremer. Mais des verts anglais intenses, et des vermillons violents peuvent entrer aussi en symphonie dans la polychromie architecturale.

La polychromie architecturale ne tue pas les murs, mais elle peut les déplacer en profondeur et les classer en importance. Avec habileté l'architecte a devant lui des ressources d'une santé, d'une puissance totales. La polychromie appartient à la grande architecture vivante de toujours et de demain. Le papier peint a permis d'y voir clair, de répudier ces jeux malhonnêtes et d'ouvrir toutes portes aux grands éclats de la polychromie, dispensatrice d'espace, classificatrice des choses essentielles et des choses accessoires. La polychromie, aussi puissant moyen de l'architecture que le plan et la coupe. Mieux que cela: la polychromie élément même du plan et de la coupe.

Rejetant le papier peint bigarré, j'ai dit qu'à certains moments il fallait appeler le peintre. Rationnellement pour faire sauter un mur, dynamiter un mur. Lyriquement pour qu'il fasse entendre en justes accords un discours à lui.

Ah, mais tout de suite je me défends! Au peintre, je m'écrie: "Qui es-tu? Il ne s'agit ni de décor, ni de billevesées. Tu vas être chez moi toute la vie. Tu parleras chez moi toute la vie! Que vas-tu dire?" Eh, eh, voici qui est sérieux et qui explique pourquoi, malgré toute la bonne volonté possible, la société ne pourra pas de *cette manière* sauver les 20.000 peintres de Paris en chômage. Il y a place pour eux dans d'autres occupations utiles; et ils seront bien réconfortés d'être enfin *utiles à quelque chose*. Il n'y a place, dans l'architecture, que pour des peintres dignes et suffisamment forts.

Telle est ma pensée. Je ne crois pas qu'on puisse systématiquement former des hommes puissants et dignes, — des peintres pour l'architecture.

Il n'est nul besoin de peintres pour l'architecture. Il serait néfaste d'y faire crier des peintres moyens ou médiocres. J'aime mieux admettre que les occasions seront exceptionnelles, où le grand peintre digne de l'architecture sera chargé de mission. L'architecture qui est mathématique immanente, dans sa substance et dans sa pâte, possède le rayonnement que projettent les fonctions des courbes et des droites. Autour de l'édifice, dedans l'édifice, il est des lieux précis, — lieux mathématiques, qui intègrent l'ensemble et qui sont des tribunes où la voix d'un discours trouvera son écho tout autour. Tels sont les lieux de la statuaire. Et ce ne sera ni métope, ni tympan, ni porche. C'est beaucoup plus subtil et précis. C'est un lieu qui est comme le foyer d'une parabole ou d'un ellipse, comme l'endroit exact où se recoupent les plans différents qui composent le paysage architectural. Lieux porte-voix, porte-paroles, haut-parleurs. Entre ici, sculpteur, s'il vaut la peine que ton discours soit tenu.

Ce sentiment des échos, des résonances, des consonances est si bien perçu par certains, qu'on a vu, à la suite de la révolte et révolution cubistes, des statuaires créer la "sculpture à jour", parce qu'ils discernaient que celle-ci s'incorporerait plus multiplement encore au site, à tout le paysage, à toute la chambre. Ces lieux mathématiques sont l'intégrale même de l'architecture des temps nouveaux dont la loi essentielle est d'être des organismes palpitants, exacts, efficaces, simples, harmonieux, à effluves lointains, à ondes irradiantes. On devine bien que l'aventure de cette statuaire est inédite encore et que du neuf en surgira.

De même l'éclatement de la peinture ne surviendra-t-il

espace classificadores das coisas essenciais e das coisas acessórias. A policromia, recurso arquitetônico tão poderoso quanto o plano e o corte. Mais do que isso: a policromia, elemento mesmo do plano e do corte.

Rejeitando o papel de parede de cores variadas, eu disse que em certos momentos é preciso recorrer à pintura. Racionalmente, para fazer saltar uma parede, dinamitar uma parede; liricamente, para que faça ouvir, em acordes exatos, um discurso dirigido a ela.

Ah, mas logo em seguida eu me defendo! Exclamo diante do pintor: "Quem é você? Não se trata de decoração, nem de frivolidades. Você vai estar em minha casa toda a vida. Você falará em minha casa toda a vida! Que tem você a dizer?" Eh, eh, eis o que é sério e explica por que, malgrado toda a boa vontade possível, a sociedade não poderá, desta maneira, salvar os 20.000 pintores ociosos de Paris. Há lugar para eles em outras ocupações úteis; e ficarão todos muito satisfeitos de ser, afinal *úteis a alguma coisa*. Não há lugar na arquitetura senão para pintores suficientemente dignos e competentes.

Esse é meu pensamento. Não creio que se possa automaticamente formar homens dignos e poderosos — pintores para a arquitetura.

Não há nenhuma necessidade de pintores medianos ou mediocres. Prefiro admitir que as ocasiões serão excepcionais, quando então o grande pintor digno da arquitetura será encarregado de alguma tarefa. A arquitetura que é matemática imanente, em sua substância e em sua seiva, possui a radiação que projetam as *funções* das curvas e das retas. Em torno do edifício, dentro do edifício, há lugares precisos — lugares matemáticos que integram o conjunto e que constituem tribunas onde a voz de um discurso encontrará seu eco em derredor. Tais são os lugares da estatuária. E isso não terá nada a ver com métope, tímpano ou pórtico. É muito mais sutil e preciso. É um lugar tal como o foco de uma parábola ou uma elipse, como o ponto exato onde se interceptam os diferentes planos que compõem a paisagem arquitetônica. Lugares porta-vozes, porta-palavras, alto-falantes. Entra aqui, escultor, se vale a pena sustentar o teu discurso.

Esse sentimento dos ecos, das ressonâncias, das consonâncias é tão bem percebido por alguns, que se viu, em seguida à revolta e à revolução cubistas, estatuários criarem a "escultura vazada" porque eles discerniram que esta se incorporava mais multiplemente ainda ao local, a toda a paisagem, a todo o recinto. Esses lugares matemáticos são a própria integral da arquitetura dos novos tempos, cuja lei essencial é a do ser dos organismos palpitantes, exatos, eficazes, simples, harmoniosos, de eflúvios longínquos, de ondas irradiantes. Adivinha-se muito bem que a aventura dessa estatuária é inédita ainda e que dela surgirá o novo.

Da mesma forma, a explosão da pintura não ocorrerá senão em certos lugares intensos, indiscutíveis, estupefacientes, concludentes, exatos. Há anos observo, no âmbito de uma experiência arquitetônica incessantemente renovada, quando e onde a pintura pode ser acolhida como uma rainha. Eu mesmo sou pintor, pinto cada dia e estou muito preocupado com o problema. Raras ocasiões, muito particulares, muito exatas, bem explicáveis, assim que as descobrimos. Explosão da parede antes de mais nada: há paredes incômodas, impostas — ou tetos ou solos — por razões intempestivas alheias à disciplina arquitetural. Essa dinamitação repõe em ordem as coisas da arquitetura.

Nesse painel que rodopia, nesse tabique escorregadio tam-

qu'en certains lieux intenses, indiscutables, stupéfiants, concluants, exacts. Depuis des années, je guette, au sein d'une expérience architecturale sans cesse renouvelée, quand et où la peinture peut être accueillie comme une reine. Je suis peintre moi-même, peignant chaque jour, et très préoccupé par le problème. Rares occasions, très particulières, bien exactes, bien explicables, une fois qu'on les a découvertes. Explosion du mur d'abord: il y a des murs gênants, imposés — ou des plafonds ou de sols — par des raisons intempestives hors de la discipline architecturale. Ce dynamitage remet dans l'ordre les choses de l'architecture.

Le peintre aussi en tel panneau qui pivote, en telle cloison qui coulisse peut trouver l'occasion d'être acteur dans la joute architecturale.

Reste la manière!

Rien n'est à espérer de ces lieux fatidiques munis de la fatidique fresque. Non, cela n'est pas de l'aujourd'hui. Fresque, pourquoi fresque? Noblesse insigne de la fresque? Disons plutôt que les hommes sont tels petits dévergondés que lorsqu'ils ne disposent que d'une technique aussi décevante et misérablement pauvre, ils arrivent à être arrêtés *a priori* au seuil même de leur dévergondage. Je n'aime pas ce malthusianisme. La fresque était la technique seule possible autrefois. Le mosaïque était incomparablement meilleur. Mais aujourd'hui, la chimie toute-puissante a créé les couleurs artificielles, les enduits, les panneaux, les liants artificiels, solides, puissants, éclatants à volonté. A côté, la fresque n'est qu'un vagissement. Pourquoi s'obstiner à vagir? Par discrétion, par modestie? Je ne demande pas à mon peintre d'être discret. Je lui dis: "ici vous avez la parole; parlez!"

Reste à mettre la main sur des vrais peintres dignes de l'architecture.

J'ai parlé des papiers peints bariolés; on comprendra bien pourquoi un sort identique doit être réservé aux staffs décoratifs (art décoratif).

Pourtant, entre la muraille ou les prismes purs et le spectateur, la mouluration pourra intervenir si je la fais rentrer dans l'acception si précise de la *modénature*; ce qui dessine les traits du visage. La modénature employant, en des occasions indispensablement fonctionnelles, la mouluration, permet d'exalter parfois la mathématique par le strict dessin dans lequel elle enserre les surfaces ou les volumes, ou par les compartimentages par lesquels elle les multiplie.

Dans tout ce débat, jusqu'ici, l'architecture n'a pas été souillée par l'introduction d'usages avachis. Les vieilles rengaines n'ont plus cours: ô fresque de la Renaissance, ô décors du Baroque ou des Rois de France!

L'aventure architecturale des temps modernes, des temps nouveaux est sérieuse. Elle est magnifiquement unanime, elle s'étend à toutes choses. A nous les architectes! Telle la vraie Venise, avant la *Grande Renaissance*, fut de toutes ses pièces faite sans architectes titrés, équipée par des gens de métiers, tels les Temps Nouveaux attendent cette collaboration unanime en cette masse inombrable des objets de leur équipement parfaitement harmonieux. Or nous sommes aujourd'hui dans un chaos que l'humanité n'a jamais connu. Il faut des architectes, il en faut des architectes! De plus en plus et en toutes choses. Qu'ils se spécialisent, certains: ceux des routes autoroutes, ceux des routes du rail, des routes de l'eau, des routes de l'air. Ceux du travail, usines et manufactures, standards proches. Ceux du logis, des logis innombrables, uns et divers,

bém o pintor pode encontrar a ocasião de ser ator na arena arquitetônica.

Resta saber como!

Nada há a esperar desses lugares fatídicos dotados do fatídico afresco. Não, nada disso é mais de hoje. Afresco, por que afresco? Nobreza insigne do afresco? Digamos antes que os homens são tão mediocrementemente descarados que, quando não dispõem senão de uma técnica tão enganosa e miseravelmente pobre, chegam a deter-se *a priori* no próprio limiar de seu descaramento. Não gosto desse malthusianismo. O afresco era outrora a única técnica possível. O mosaico era incomparavelmente melhor. Mas, nos dias de hoje, a química todo-poderosa criou as cores artificiais, os revestimentos, os painéis, os aglutinantes artificiais, sólidos, poderosos, explodindo à vontade. Ao lado deles, o afresco não passa de um vagido de bebê. Por que se obstinar nesse vagido? Por discrição, por modéstia? Eu não peço a meu pintor que seja discreto. Digo-lhe: "Aqui você tem a palavra; fale!"

Resta pôr a mão em verdadeiros pintores, dignos da arquitetura.

Falei dos papéis de parede tingidos de várias cores; compreende-se por que um destino idêntico deva estar reservado aos estuques decorativos (arte decorativa).

Todavia, entre a muralha ou os prismas puros e o espectador, a moldagem poderá intervir se a faço entrar na acepção tão precisa da *modinatura*: o que desenha os traços do rosto. A modinatura, ao empregar em certas ocasiões indispensavelmente funcionais a moldagem, permite exaltar às vezes a matemática através do estrito desenho no qual ela inclui as superfícies ou os volumes, ou através das compartimentações pelas quais ela os multiplica.

Até aqui, em todo esse debate, a arquitetura não foi emporcalhada pela introdução de práticas sovadas. As velhas banalidades não têm mais vez: ô afresco da Renascença, ô interiores do Barroco ou dos reis de França!

A aventura arquitetônica dos tempos modernos, dos tempos novos, é séria. Ela é magnificamente unânime, ela se estende a todas as coisas. A nós os arquitetos! Tal como a verdadeira Veneza, antes da *Grande Renascença*, foi com todas as suas peças feita sem arquitetos diplomados, por pessoas de ofícios, assim também os Tempos Novos esperam essa colaboração unânime, nessa massa inumerável dos objetos, de seu pessoal perfeitamente harmonioso. Ora, achamo-nos hoje num caos que a humanidade jamais conheceu. É preciso arquitetos, é preciso arquitetos! Cada vez mais e em todas as coisas. Que eles se especializem, alguns: os das auto-estradas, os das ferrovias, das hidrovias, das aerovias. Os do trabalho, usinas e manufaturas, padrões próximos. Os da habitação, das inumeráveis habitações, unas e diversas, padronizadas e tão plenas todavia da presença individual de cada um e de todo mundo. Os dos lazeres! Que tarefa! Inaudita! Os das grandes construções comunitárias. Ah, ah! Aqui talvez, vós, grandes pintores, vós, grandes escultores, tenhais uma palavra a dizer.

Etc., etc.

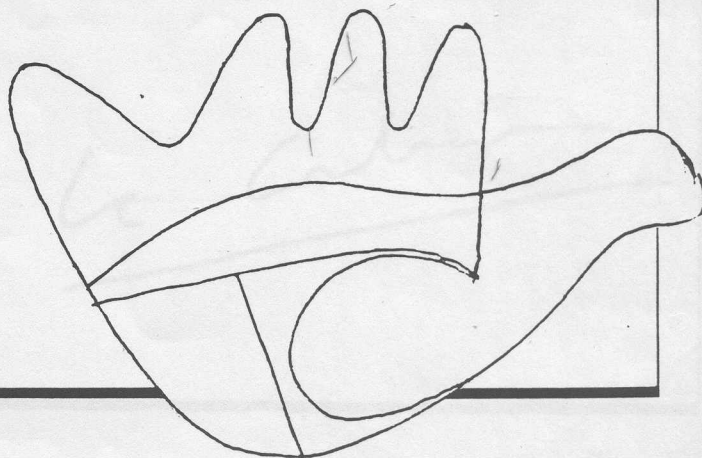
Nossos 20.000 pintores e escultores desempregados em Paris estão sempre de mãos vazias.

Que os lancem à vida. As telas emolduradas, feitas por profissionais, não são mais uma produção admissível. Essas telas emolduradas serão feitas pelos "pintores de domingo" durante os próximos lazeres, para o prazer deles e o de seus amigos. Ver-se-ão surgir obras-primas.



Arquivo da SPHAN, Rio/d.

A Mão Aberta: o esboço e o baixo-relevo que integra o conjunto de trabalhos feitos em Chandigarh, na Índia, em 1950, um dos últimos de Le Corbusier.



standards et si pleins toutefois de la présence individuelle de chacun et de tout le monde. Ceux des loisirs! Quelle tâche! Inouïe! Ceux des grandes constructions communautaires. Ah, ah! Ici peut-être, vous grands peintres, vous grands sculpteurs, aurez vous votre mot à dire.

Etc., etc.

Nos 20.000 peintres et sculteurs en chômage à Paris sont toujours les mains vides.

Qu'on les projette dans la vie. Les toiles encadrées, faites par des professionnels ne sont plus une production admissible. Elles seront faites, ces toiles encadrées, par les "peintres du dimanche" pendant les loisirs proches, pour le plaisir à eux et celui de leurs amis. On verra surgir des chefs-d'oeuvres.

Dans la vie, dehors, sont les manifestations du temps nouveau. Le cinéma par exemple, où la perfection actuelle des appareils techniques permettra aux esprits inventeurs de supplanter les "professionnels" des studios où se consomment décidément trop d'artifices. Dans le cinéma, vous dont l'oeil s'est habitué à découvrir des choses où les autres ne trouvent rien, vous dont l'esprit est aiguë aux problèmes du choix, de la proportion, de l'harmonie, la *Grande Nature* est ouverte désormais — au cinéma. Les studios d'Hollywood vont pâlir!

Il est des occasions très précises d'entrer dans l'architecture: lors qu'il faut publiquement démontrer, prouver, révéler, instruire; voici le mur en photo-montages. On exécute dorénavant à même le mur. L'objectif insatiable livre la révélation du macrocosme et du microcosme. Tout peut être raconté, montré, bâti en apparitions sensationnelles du monde, de l'immense monde inconnu. Là, où l'oeil humain succombe, l'objectif supplée. Quel emploi magnifique des forces acquises, pour nos 20.000 chômeurs de Paris en tant d'événements architecturaux qui sont à intervenir encore.

L'architecture s'étend. Elle est pure, intense, vraie, une. En fin de compte, je pose une fois la question: le *nu* serait-il abominable?

Il y a hiérarchie dans les utilités et dans les utilisations. L'art c'est une intention de qualité. Nous vivons, nous pensons, du moins bien-tôt, allons vivre une nouvelle vie. Il y a des intentions nouvelles en circulation.

Créons et manifestons l'art des temps présents.

Des résurrections? Jamais, jamais, jamais! Or c'est de cela que partout on nous parle. On nous infecte l'entendement.

Pour finir c'est la charité et la philanthropie qui gesticulent: "Nos 20.000 artistes chômeurs de Paris". Attention, ni mélange, ni confusion! Secours de chômage? Non, il s'agit, ici, d'architecture.

Nos 20.000 artistes, les temps nouveaux les appellent. Qu'ils consentent à l'effort indispensable d'adaptation. Qu'ils libèrent leurs élans créatifs! Il y a place pour l'esprit. Pas pour la bêtise.

Le monde, parti en avant dans une aventure gigantesque: les Temps Nouveaux, ne va tout de même pas revenir en arrière, parce qu'une corporation qui n'a pas le droit de se proclamer unanimement l'élite, bat de l'aile, au virage d'une nouvelle route ouverte devant elle.

Na vida, lá fora, estão as manifestações do tempo novo. O cinema, por exemplo, onde a perfeição atual dos aparelhos técnicos permitirá aos espíritos inventores suplantarem os "profissionais" dos estúdios, onde decididamente se consomem artificios em demasia. No cinema, você cujo olho se habituou a descobrir coisas onde os outros não encontram nada, você cujo espírito se aguçou nos problemas da escolha, da proporção, da harmonia, a *Grande Natureza* está doravante aberta — no cinema. Os estúdios de Hollywood vão empalidecer!

Há ocasiões muito precisas de entrar na arquitetura: quando é necessário publicamente demonstrar, provar, revelar, instruir; eis a parede em fotomontagens. Executa-se doravante na parede nua. O objetivo insaciável liberta a revelação do macrocosmo e do microcosmo. Tudo pode ser narrado, mostrado, construído em aparições sensacionais do mundo, do imenso mundo desconhecido. Lá, onde o olho humano sucumbe, o objetivo concluído. Que magnífico emprego das forças adquiridas, para nossos 20.000 desempregados de Paris, em tantos acontecimentos arquitetônicos que ainda serão alvo de intervenção.

A arquitetura se estende. Ela é pura, intensa, verdadeira, una. Afinal de contas, coloco uma vez a questão: o *nu* seria abominável?

Há hierarquia nas utilidades e nas utilizações. A arte é uma intenção de qualidade. Vivemos, pensamos, pelo menos brevemente vamos viver uma nova vida. Há novas intenções em circulação.

Criemos e manifestemos a arte dos tempos presentes.

Ressurreições? Jamais, jamais, jamais! Ora, é disso que em toda parte nos falam, poluindo-nos o entendimento.

Para terminar, é a caridade e a filantropia que gesticulam: "Nossos 20.000 artistas desempregados de Paris". Atenção, nem mistura, nem confusão! Assistência ao desempregado? Não, trata-se aqui, de arquitetura.

Nossos 20.000 artistas, os novos tempos os convocam. Que eles consentam no esforço indispensável de adaptação. Que liberem seus impulsos criativos! Há lugar para o espírito. Não para a tolice.

O mundo — lançado para a frente numa aventura gigantesca: os Tempos Novos —, não vai, apesar disso, voltar atrás. E uma Corporação que não tiver o direito de se proclamar unanimemente elite estará em sérias dificuldades na curva de uma nova estrada aberta diante dela.

